PASSADO PRESENTE OU PRESENTE PASSADO?
AS MANOBRAS NARRATIVAS EM COMUNIDADES PÓS-MODERNAS

Elisângela Carlosso Machado Mortari

Resumo: as identidades culturais pós-modernas passam, na América Latina, por processos de articulações particulares em um determinado tempo e espaço. Isto significa dizer que o campo teórico proposto por pesquisadores latino-americanos deve alargar-se na medida em que encontramos uma pluralidade de vozes que renegociam suas práticas culturais em comunidades localizadas. A Quarta Colônia de Imigração Italiana localizada no estado do Rio Grande do Sul, nos mostra como é possível deslocar o conceito de hibridismo e mestiçagem para o de metamorfose. Através dos acionamentos da memória presente entre os descendentes de italianos, constatamos a formação de identidades narradas e acionadas por imaginários de pertencimento. As transmissões radiofônicas em dialeto vêneto são diretamente responsáveis pelos processamentos destes imaginários que disponibilizam sentidos e novas formas de relações sociais.

Palavras-chave: Identidades, memória, metamorfosear

O colono italiano, com a sua constancia ao trabalho na terra adquirida e pelo amor á Patria de adopção, pouco a pouco soube crear uma vida facil nessa nova zona colonial, onde o canto do sabiá, precursor dos melodiosos cantos populares do colono veneto, era, então, dominado pelo rugido das feras e pelo grito dos bichos selvagens.
Cav. Umberto Ancarani
Agente consular da Itália em Santa Maria, 1914

Escorregadio, o lugar mestiço expõe o passante. Mas nada se passa sem este escorregão. Ninguém jamais se modificou, nem coisa alguma no mundo, sem se recuperar de uma queda. Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço.
Michel Serres, Filósofo francês, 1991.

As Ciências Sociais vem dedicando demorada atenção na formação e na transformações das identidades culturais na modernidade, e não rara as vezes, fundamenta as identidades através das práticas cotidianas de comunidades referenciais que estendem o conceito e a descoberta generalizantes para um conjunto de grupos heterogêneos com experiências culturais particulares. Cabe perguntar, até que ponto estas teorias que apontam para uma América-Latina, híbrida e mestiça, é capaz de abarcar narrativas múltiplas, entornadas no caldeirão da globalização.

A pensada globalização consiste em nos mostrar que as comunidades locais (antes referentes para explicar as conseqüências da modernidade) dialogam de perto com ofertas culturais diversas e permitem o relacionamento com as suas práticas tradicionais; o que até aqui não é nenhuma novidade. Entretanto, estas comunidades localizadas por nós, pesquisadores culturais, constróem outras estruturas sociais, não no diálogo com as outras culturas, mas na vontade de fazer a sua experiência única e verdadeira; a melhor, a legítima e a mais correta entre todas.

O que observamos nas comunidades com descendência italiana no sul do país, não é somente uma tradução ou hibridação de identidades, mas uma outra narrativa fundada na memória de identidade. De fato, os descendentes de imigrantes não possuem uma, mas

múltiplas narrativas culturais: uma rede de identidades que o faz mestiço na sua própria experiência.

Em 1877, quando os primeiros imigrantes italianos oriundo da região norte da Itália, que neste período sofria com a miséria latente e sem perspectivas de melhora, chegam em terras brasileiras, encontram não o paraíso descrito pelos "piovan" (forma de chamar os curas de igrejas que propagandeavam as riquezas e a nova vida em terras estrangeiras), mas o local onde recomeçariam tudo de novo. Conta-nos um historiador, descendente de imigrantes que se alojaram na Quarta Região, Colônia de Silveira Martins, que os italianos ao chegarem no abrigo onde permaneceriam meses até a distribuição dos lotes de terras e depois de terem passado pelas mais diferentes aventuras até chegarem em terras firmes e gaúchas, sentiram uma grande consternação ao encontrarem um galpão, onde muitos morreriam de peste, mas não de desilusão: " *a chegada repentina pareceu para eles um sonho, e tinham feito uma idéia muito diferente. Esperavam encontrar um prédio construído com estilo. A desilusão porém não foi tão grande que impedisse ultrapassar os umbrais daquela construção misteriosa, sem sentirem um não sei quê de místico na alma. Parecia-lhes que pondo os pés na soleira da porta, despiam o que tinham de europeu e estavam se revestindo de tudo o que era americano. Uma espécie de metamorfose*". (BUSANELLO, 38: 1999)

Metamorfosear. Esta é a melhor palavra para descrever as identidades circulantes entre os italianos e seus descendentes no sul do Brasil. Hibridar leva-nos a entender uma realidade multi facetada compreendida num único espaço e tempo. Na metamorfose não. A ação parte do interior do sujeito. Ele é quem decide a forma e a identidade que melhor lhe couber.

Os imigrantes italianos desejavam apagar as marcas do passado pobre e miserável e instituíram rotinas que os levavam a narrar um futuro de riqueza e prosperidade. Contar as experiências da Itália, da dor da partida, do desgaste da travessia marítima e do desbravamento das terras brasileiras, não funcionavam como vínculos com o passado, ao contrário, eram provas que garantiam a não desistência, a retomada do ânimo, a busca do futuro.

Hoje, os descendentes procuram em todos os lugares, de todas as maneiras reconstruírem estes diálogos, as narrativas são refeitas e rearticuladas para garantir-lhes um presente menos vazio. É cada vez maior o número de centros de pesquisa genealógicas, de livros publicados e de museus construídos: são redes identitárias interligadas por narrativas passadas.

O realocamento do lugar da identidade nas ciências sociais, passa portanto, não apenas nas generalizações acerca de ofertas restritas, mas principalmente pelas fronteiras porosas que estão também na regulamentação do saber acerca das práticas culturais na América Latina. Assim como as comunidades peruanas, mexicanas, indígenas, portenhas entre tantas outras, urge considerar que boa parte dos países latinos receberam levas de imigrantes europeus no início do século, e não podemos restringir as pesquisas considerando seus descendentes como mestiços pela própria natureza, mas mobilizadores de uma memória narrativa que fundamenta seu imaginário de pertencimento, portanto de identidades narradas.

"Non é cosa nova che non possa esser vecia, e non é cosa vecia che non sii stata nova".

A memória é o primeiro instrumento mobilizado na construção das identidades comunitárias das colônias italianas. As cidades e lugarejos são rearanjados de forma a abrigar as lembranças deixadas pelos imigrantes. O pequeno distrito de Vale Vêneto foi um dos núcleos da Quarta Colônia e foi povoado por cerca de 300 famílias que logo trataram de construir uma grande igreja, um colégio de freiras, uma farmácia e casas que comercializavam produtos como aguardente, vinho e diversos cereais. Os italianos que colonizaram esta região do estado do Rio Grande do Sul prosperaram financeiramente, prova disso é a expansão das relações comerciais com a cidade de Santa Maria, pólo militar e maior entroncamento

ferroviário do estado, tornando-a um grande centro comercial. No deslocamento dos imigrantes da colônia para a cidade, há uma considerável substituição do caráter cosmopolita de Santa Maria para a adoção das práticas mercantis dos italianos. Santa Maria passa a ser administrada financeira e culturalmente pela presença italiana. Entretanto, as colônias padecem no abandono.

"*este é o trabalho colletivo de 35 annos de vida de uma laboriosa colonia, que toma parte nas festas do 1º centenario de Santa Maria; pelo que se deve considerar com admiração a titanica lucta de toda esta gente italica, que trabalhou para o desenvolvimento agricola daquelles nucleos e concorreu para o progresso d'este Municipio. Este grandioso trabalho, que representa uma verdadeira prova da intrinseca capacidade da raça latina, transportada d'além para novo paiz, apezar de abandonada a si mesma, á propria iniciativa, entre mattos e capoeiras, longe de qualquer consorcio humano, esta raça latina soube subjugar as forças da natureza, mostrando ao mundo inteiro quanto era justa a sentença do benemerito brazileiro Escragnolle Taunay: 'a mais alta demonstração de patriotismo é trabalhar a favor da immigração européia'*". (SANTIN, 87: 1990)

O texto do cav. Umberto Ancarani, primeiro cônsul italiano em Santa Maria, fundador da agência consular da mesma cidade e grande incentivador das emigrações italianas para as terras da Quarta Colônia, revela a proximidade inicial entre a cidade e a colônia. Mal sabia ele que as colônias estavam fadadas a permanecerem nos escritos históricos, únicos lugares onde ainda são produtivas e prosperas. Hoje, Vale Vêneto sobrevive da memória de nostálgicos descendentes que a transformaram em uma cidade museu. A igreja promove as principais festas, o pároco é o que mais incentiva a restauração dos casarões em ruínas, abandonados pelas famílias que emigraram para a cidade urbanizada. O museu do Imigrante coleciona as vestimentas, os objetos de uso pessoal e as ferramentas utilizadas no desbravamentos das hostis terras que os receberam. Mas o Museu é um entre outros elementos que fazem do lugar o centro das estruturas narrativas de um identidade que se exibe nos dias de festa com os jogos de tressete, com as noites do filó, com o badalar dos sinos e os tiros de canhões na Igreja Matriz e com as rezas dos terços, das novenas e das procissões: a religiosidade é revisitada e a fé faz parte da continuidade cultural proposta pela cidade museu. Vale Vêneto, um dos maiores núcleos da Quarta Colônia, é atualmente acionado como dispositivo de lembranças, lugar que imobiliza o tempo e o espaço e possibilita o encontro com o passado: a memória de uma identidade metamorfoseada. Segundo o pesquisador Jesus Martin-Barbero, a memória é um dispositivo acionado para revitalizar um presente localizado em cenas passadas, em suas palavras "*el pasado no esta configurado sólo por los hechos, es dicir por lo ya hecho, sino por lo que queda por hacer, por virtualidades a realizar, por semillas dispersas que en su época no encontraron el terreno adecuado. Hay un futuro olvidado en el pasado que es necesario rescatar, redimir, movilizar*." (BARBERO, 2000)

Os descendentes de imigrantes italianos vivem da ambigüidade: convivem com a memória do passado para experimentarem o novo futuro, construído pelos seus avós, bisavós e tataravós. De uma certa forma, nos garante compreender que não há nada velho que não tenha sido novo e que não há nada novo que não possa vir a tornar-se velho.

Mi son tálian, grazia a Dio

Mas afinal, a quantas andam nossas identidades? A identidade formada e circulada entre os descendentes de italianos nas colônias gaúchas são processadas tanto por aqueles que tem descendência direta de italianos (pai e mãe filhos de italianos), quanto pelos que adotam a postura 'italiana' (apenas um dos genitores tem descendência italiana). São esses grupos sociais que representam papéis forjados numa estrutura social e num espaço/tempo definidos por e para eles. Para tanto, os descendentes se utilizam de bases biológicas, geográficas e religiosas que garantem sua identificação através da memória coletiva compartilhada

simbolicamente. A identidade coletiva se processa através dos conteúdos simbólicos acionados pela memória narrativa: as práticas, os credos, os papéis e o cotidiano são encenados de acordo com o dispositivo identificador.

Construída a identidade coletivamente ou em comunidade, os descendentes passam a adotar regras de inclusão e exclusão: é necessário fazer parte da história imigrante e ter um passado comum. Através destes recursos os descendentes segregam a se autodenominam 'italianos'. Recentemente disse um 'italiano' em dialeto vêneto: *"os brasileiros são todos negros, preguiçosos e ladrões*", simbolicamente ele não pertence a esta classe de 'brasileiros', sua identidade é 'italiana', graças a Deus.

O problema da segregação identitária merece mais reflexão, entretanto compreendemos que o patrimônio simbólico comum entre estas comunidades permite trocas apenas no interior do sistema, de forma que possa ocasionar o fortalecimento da identidade e não sua fragmentação. É assim que se garante não uma identidade híbrida, visto que não há os cruzamentos, mas a identidade fincada no passado comum, no compartilhamento de experiências singulares que só podem ser acionadas pelas lembranças da *nonna* e do *nonno* e não do outro diferente.

O comportamento gerado na adoção da identidade narrativa gera desagravos, antipatias e reações de outros brasileiros que sentem-se agredidos com a defesa da diferença criada pelos descendentes. Os meios de comunicação, de certa forma, ajudam a propagar a idéia de que o Rio Grande do Sul é um estado 'quase' europeu. O povo lembra, entretanto, que *italiana é a nonna* (mas, será que ela era realmente?)

Nostra tradicione italiana: parla Quarta Colônia!

As práticas culturais entre os descendentes italianos são mobilizadas pelos meios de comunicação que tratam de difundir as narrativas partilhadas entre os moradores da Quarta Colônia. As transmissões radiofônicas ganham força a medida que estabelecem vínculos com as memórias dos descendentes.

Os programas de rádio são transmitidos diariamente (Bon Giorno Quarta Colônia) e semanalmente (Nostra Tradicione Italiana) e sob o comando de personalidades reconhecidas pela comunidade: o padre, o líder comunitário, o presidente da associação. Os programas são em dialeto vêneto e falam do dia a dia do colono, das suas investidas na agricultura, de suas práticas religiosas, da sua relação com a igreja e dos costumes revelados por seus antepassados. Tudo isto dito em forma de 'provérbios' (pequenos ditados, seguidos do comentário do locutor), histórias ('historieta') e muita música italiana ('una musiquetta').

Interessa-nos estes programas de rádio visto que propõem uma aproximação com o passado através de um veículo de massa, portanto mais eficiente. A respeito da língua, há uma grande preocupação em recuperar o vêneto e difundi-lo entre os mais jovens. Durante muito tempo, os primeiros colonos só se comunicavam em dialeto, mas era necessário incorporar palavras do português em suas conversações a fim de expandirem suas relações comerciais. Algumas organizações européias ainda tentaram conservar a língua dos colonos enviando livros escolares para seus filhos, que contrariados viram seus pais destrui-los e suas vidas se incorporarem definitivamente na língua portuguesa.

O dialeto que se fala hoje é uma mistura do original com palavras aportuguesadas e que no rádio muitas vezes são precedidas de tradução já que "os brasileiros também escutam os programas". Segundo Silvino Santin, pesquisador e historiador da região, "*um patrimônio cultural começa ser recuperado pelo resgate da língua que o animou. Uma cultura começa se descaracterizar pela perda da falta de sua própria língua. A identidade cultural dos imigrantes italianos está profundamente vinculada aos falares dialetais. À medida em que os dialetos, trazidos da Itália, passam a formar uma nova maneira comum de falar, houve*

também a criação de uma modalidade nova e comum de identidade do descendente italiano no Brasil". (SANTIN, 19:1990)

A identidade dos imigrantes italianos da Quarta Região de Imigração, se constrói na relação com o que ela não é, com o que ela não poderia e não poderá ser. Por isso ela é comunitária e se faz assim pela articulação radiofônica: ela se reflete e se legitima na diferença. A diferença construída e defendida pelos próprios imigrantes que a preservando, preservam suas marcas históricas e seus vínculos sangüíneos. Os descendentes de imigrantes refazem e autorizam um tempo que é só deles e o seu possível compartilhamento vem a garantir sua presença e sua identidade.

Os meios de comunicação de massas exercem o poder de intermediar realidades passadas, presentes e futuras: os programas de rádio funcionam como um grande palco onde as representações étnicas são postas em cena – brasileiros, italianos, gaúchos, mestiços, etc., todos são acionados neste momento cultural pós-moderno por que passam as comunidades do sul do país. Para Ticio Escobar a "*mercantilización cultural del capitalismo tardío exige que éste renueve sus productos alimentándose de alteridades: lo auténtico y lo original, lo étnico, lo popular, son explotados comercialmente detrás de los pasos de una cultura que avanza celebrando la impureza, la hibridez y el pastiche*". (ESCOBAR, 2000)

Nos programas veiculados na Quarta Colônia de Imigração Italiana, o pastiche, a hibridez e a impureza que nos fala Escobar transparece na narrativa construída entre os valores realocados na nova experiência cultural e no dialeto que ressurge como uma nova estratégia identitária.

Novos Rumos

Através deste ensaio podemos visualizar, sob uma nova perspectiva, as identidades negociadas na América Latina. Seria demasiado arriscado afirmarmo-nos como híbridos e mestiços sem conhecer experiências mobilizadoras de práticas sociais, culturais e econômicas que apontam novos rumos para a pesquisa das redes de relações construídas entre sujeitos e meios de comunicação de massa.

A difusão e construção de narrativas na mídia, possibilita novos engendramentos de sentidos, novas práticas culturais circulantes e, portanto, novas formas de construir identidades, diga-se, identidades metamorfoseadas simbolicamente.

Bibliografia:

BUSANELLO, Pe. Pio José. A História de Nossa Gente. Santa Maria, Pallotti, 1999.
ESCOBAR, Ticio. Identidades en Tránsito. Rio de Janeiro, Seminário Arte Latina, 2000
HUYSSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos e mídia. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.
MAESTRI, Mário (org) Nós, os ítalo-gaúchos, Porto Alegre, UFRGS, 1998.
MAINARDI, Geraldo. Os Mainardi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Est, 1999.
MARTIN-BARBERO, Jesus. Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria. Rio de Janeiro, Seminário Arte Latina, 2000
REIS, Rossana e SALES, Teresa (org) Cenas do Brasil Migrante. São Paulo, Boitempo, 1999.
SANTIN, Silvino. Silveira Martins: patrimônio histórico-cultural. Porto Alegre, Est, 1990.
_____ A Imigração Esquecida. Porto Alegre, Est, 1986.
SPONCHIADO, Breno Antonio. Imigração e 4ª Colônia: Nova Palma e Pe. Luizinho. Santa Maria, UFSM, 1996